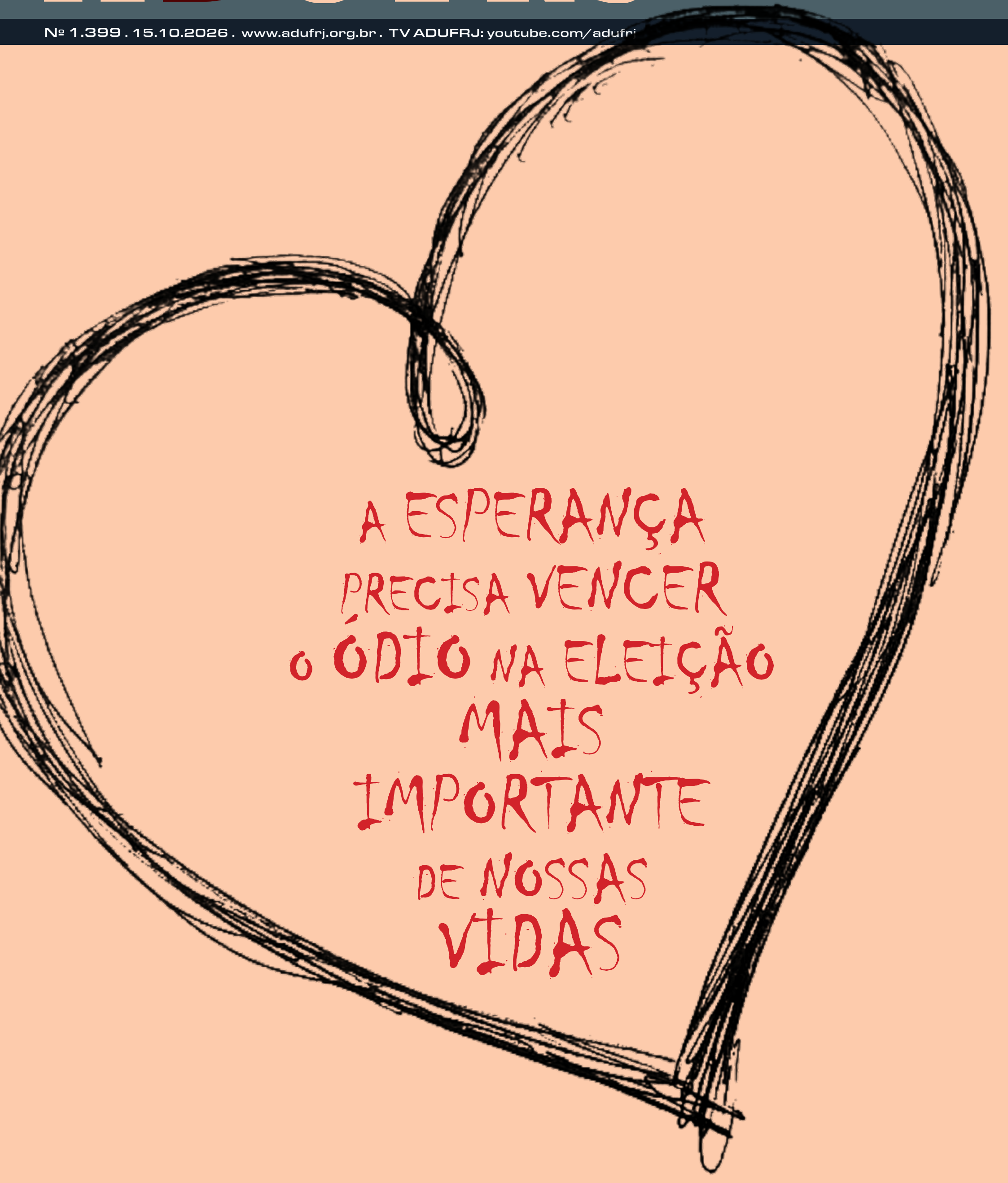


JORNAL DA

ADUF RJ

Nº 1.399 . 15.10.2026 . www.adufRJ.org.br . TV ADUF RJ: youtube.com/adufRJ



A ESPERANÇA
PRECISA VENCER
O ÓDIO NA ELEIÇÃO
MAIS
IMPORTANTE
DE NOSSAS
VIDAS

“FILHO DA MINERVA NÃO CORRE DA RAIA”

Ao receber o título de professor emérito, Francisco Esteves diz que vai se dedicar ainda mais à UFRJ neste momento em que a instituição sofre tantos ataques

KELVIN MELO
kelvin@adufjrj.org.br

Primeiro ecólogo formado no Brasil, cientista brilhante, dono de uma invejável capacidade de articulação política, colega generoso e fundador do Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade em Macaé (NUPEM), o professor Francisco de Assis Esteves recebeu o título de emérito da UFRJ, no dia 14, em uma concorrida cerimônia no Auditório Quinhentão do Centro de Ciências da Saúde. A comitiva de honra foi tão diversa, respeitosa e inovadora quanto o homenageado. Nela estavam docentes jovens, professores aposentados, pesquisadores renomados, além de quatro técnicos, entre eles o prefeito Marcos Maldonado, o pescador João Marcelo e Ivan Hidalgo, o lendário e solícito secretário dos órgãos colegiados da universidade. Sem falar da delegação que veio de Macaé só para assistir Esteves receber a mais nobre das honrarias da universidade.

Aos 76 anos, Chico – como é conhecido pelos mais próximos – anunciou que não vai reduzir suas atividades nesta nova fase da vida, ainda mais diante do delicado momento político do país. “Pertencem a uma comunidade chamada ‘Sonhadores Contumazes’. Quem está lá? Filósofos, poetas e pescadores. Nós amamos o que fazemos e não paramos de trabalhar até partir”, disse o agora primeiro docente emérito do Nupe.

“Principalmente nesse momento da universidade pública, que está sofrendo tantos ataques, não é a hora de tirar o corpo fora. Sou filho da Minerva e o filho da Minerva não corre da raia. O filho da Minerva vai enfrentar os desafios”, afirmou. “É a hora de me dedicar ainda mais à nossa Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vou trabalhar mais ainda para que nós possamos ajudar que a sociedade trilhe um caminho mais equânime economicamente, socialmente e ambientalmente”.

MÚLTIPLAS HOMENAGENS

Amigo de longa data, o professor Reinaldo Luiz Bozelli, do Instituto de Biologia, foi um



FERNANDO SOUZA

dos tantos que se revezaram ao microfone para elogiar o homenageado. Com um discurso recheado de tiradas bem-humoradas, o docente repassou toda a história de Chico Esteves: sua formação acadêmica, o início do namoro com a esposa Rosa, o pioneirismo e a dedicação à limnologia – ciência multidisciplinar que estuda os ecossistemas aquáticos continentais – e o desafio da interiorização da universidade em Macaé.

“Por nunca acreditar que a UFRJ era uma torre de marfim, mas ao contrário, devia ser um farol a iluminar com ciência, ensino e extensão à sociedade fluminense, o professor Francisco empreendeu, no dizer de muitos colegas, o sonho impossível, o desafio insuperável da interiorização da gloriosa, mas muito carioca, Minerva”, contou.

“De uma minúscula sala de 10 metros quadrados, que funcionava como base de campo do laboratório de limnologia em Macaé, ele fez o Nupe, em espaço doado pela prefeitura. E ali, usando a inovadora

técnica de construção civil denominada ‘puxadinho’, fez surgir laboratórios, salas de aula, biblioteca, cozinha, alojamentos”, disse Reinaldo, arrancando risadas da plateia.

O carinho pelo mestre pôde ser sentido em todos os discursos e homenagens que se seguiram. Além do título de emérito, Chico quase “sumiu” atrás das flores e de uma pilha de plaquinhas que recebeu dos mais variados departamentos e instituições, como a Associação dos Moradores de São José do Barreto, em Macaé.

O reitor Roberto Medronho encerrou a cerimônia, reforçando os diversos predicados de Chico Esteves. “Estamos homenageando alguém que soube transformar conhecimento em instituição, ciência em preservação, pesquisa em desenvolvimento regional e sonho em universidade pública presente no território”, disse. “Homenageamos também o homem simples, o amigo leal, o companheiro de Rosa, o pai de Bruna e Lívía, o avô apaixonado de Tom, Luiza, Maria Eduarda e Joaquim. O professor que

continua ensinando, mesmo quando está simplesmente passeando com os seus netos”, completou.

Medronho também pediu permissão a Chico para fazer da cerimônia uma afirmação dos valores que atravessaram toda a vida do homenageado. “Defenderemos, intransigentemente, a autonomia universitária e a democracia. Porque, sem autonomia, não há universidade verdadeiramente livre. E, sem democracia, não há pensamento crítico, não há ciência livre, não há futuro”, concluiu.

Após ouvir todos os discursos elogiosos à trajetória acadêmica e administrativa, o mestre agradeceu com modéstia. “Isso tudo que consegui não teria conseguido sem a ajuda de todos vocês que estão aqui”, disse Chico, que, no dia seguinte, às 8h15, já estava no Laboratório de Limnologia do Instituto de Biologia, no CCS, para discutir uma tese de mestrado com seu aluno e organizar análises de água das lagoas costeiras de Macaé.



ALESSANDRO COSTA

GRAMÁTICA FASCISTA DESAFIA ESPERANÇA NO SEGUNDO TURNO

KELVIN MELO
kelvin@adufjrj.org.br

Mais do que nunca aquela expressão ‘a esperança venceu o medo’ é fundamental. A gente precisa fazer com que a esperança vença o medo”, afirmou a presidenta da ADUFRJ, professora Ligia Bahia, na mesa redonda do dia

8 em que debateu com o professor e também diretor do sindicato Michel Gherman sobre os resultados do primeiro turno e as estratégias para derrotar a extrema direita. “Na nossa primeira reunião de diretoria depois do primeiro turno, nós decidimos que entramos no modo de resistência. Ou seja, nós já estamos resistindo. Essa reunião de hoje é um ato de resistência”, completou.

“É preciso chamar todos para a disputa contra um retrocesso civilizatório que a gente não tem noção do que vai ser. É preciso ter o coração aberto para vencer essa eleição”, conclamou Michel Gherman, no

encontro realizado no auditório Manoel Maurício de Albuquerque, no campus da Praia Vermelha. “É preciso entender que o debate é, sim, contra o fascismo. E de todas as extremas direitas no mundo hoje, quicá com exceção da extrema direita alemã, a AfD (o partido Alternativa para a Alemanha), a que mais se parece com o nazismo é a brasileira”, completou.

Na avaliação do docente, parte do eleitorado bolsonarista é mobilizada por uma gramática fascista, que substitui o debate racional por uma lógica baseada essencialmente no medo, no ressentimento,

e na ameaça constante. “Eles acreditam profundamente que há pessoas controlando o sistema e eles reagem, resistem a esse sistema. Nós temos que parar de falar de negacionismo”, afirmou Gherman. “O debate é conspiração. Eles acreditam numa conspiração. Isso está qualificando o debate da extrema direita: o Lula faz parte da conspiração, os professores de história fazem parte da conspiração, vacina tem a ver com conspiração”, disse.

Para o docente, a resposta dos setores progressistas não pode se limitar à defesa das instituições existentes. É preciso recuperar a capacidade de imaginar transformações sociais, valorizar as políticas de inclusão e apresentar um projeto de futuro que se contraponha à nostalgia de um passado idealizado pelos adversários. “É preciso falar sobre o futuro. Um elemento fundamental da gramática fascista é que o fascismo se estabelece a partir de um projeto de passado”, contou.

O professor argumentou que a democratização do acesso às universidades é um exemplo que pode ser utilizado na disputa da sociedade. “Eu estudei em uma universidade em que não havia pessoas que não morassem nos bairros que eu morava e que não tivessem a minha cor. E dou aula em uma universidade absolutamente diferente da que eu estudei. Estou falando de 25 anos de diferença”, afirmou.

“A inclusão produzida num país baseado na exclusão na sua perspectiva mais radical produziu ódio de certa elite. Esse ódio da elite pela inclusão do outro deve ser acionado. Nós temos que dizer: ‘O ódio deles é contra vocês’. Nós temos que investir na esperança, na inclusão, na possibilidade de um país colorido, livre, dentro da universidade”, observou Gherman. “O fascismo se disputa com desejo, não com ideologia”.

ESPERANÇA

O papel dos pesquisadores, argumentou a presidenta da ADUFRJ, é fundamental nessa resistência. “A nossa tarefa é compreender esse mundo que nós vivemos e, se possível, também transformar esse mundo que a gente vive para melhor”, acrescentou.

Ligia enfatizou o que está em jogo. “Nós estamos sob ataque. Vocês viram que o programa do Flávio Bolsonaro é de corte de recursos públicos. O programa do Bolsonaro é de transferência das universidades federais para o Ministério da Ciência e Tecnologia. Isso está dito no programa. Isso está explicitado no programa. Há uma intenção clara de considerar que as universidades públicas produzem um conhecimento que não interessa”.

BARBÁRIE

Alguns professores da plateia também compartilharam a preocupação com o momento atual. Entre eles, Luiz Carlos Prado, do Instituto de Economia, contou que dá aula de história econômica do século XX. “Semana passada, ao falar da Grande Depressão dos anos 1930, estava revendo toda a questão da ascensão do fascismo naquele período. Gostaria de dividir com vocês uma angústia, porque há muita semelhança com o momento que nós vivemos atualmente. Claro que há elementos diferentes porque o tempo é outro, mas o fenômeno é o mesmo”.

O professor alertou que a ameaça atual alcança a própria instituição universitária. “Nós estamos sob ameaça. O governo militar que eu vivi nos perseguiu, perseguiu cursos, perseguiu pessoas, mas não perseguiu a instituição universidade. Nós estamos de frente não com um governo de direita, mas com a ameaça da barbárie”.

OS RUMOS DO SEGUNDO TURNO

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

O cenário político brasileiro pós-primeiro turno traz diagnósticos complexos e desafios inéditos para as forças democráticas. Para compreender as dinâmicas eleitorais que reconfiguraram o Congresso Nacional e desenham a disputa do segundo turno, o Jornal da ADUFRJ entrevistou o cientista político Jairo Nicolau, autor de “O Brasil nas Umas” e “O que é o Bolsonaroismo” e uma das maiores referências no estudo do sistema partidário e do comportamento eleitoral no país. Na entrevista exclusiva, o docente reflete sobre o crescimento expressivo do Partido Liberal (PL) e defende a necessidade de a esquerda construir alianças estratégicas para enfrentar uma força política que já se estruturou de forma duradoura no país. “A esquerda precisa pensar o que vai fazer na próxima eleição. Vamos fazer uma federação para derrotar o bolsonarismo? É preciso ter responsabilidade eleitoral”.



■ **Jornal da ADUFRJ** - Em suas análises recentes, o senhor destaca as transformações do sistema partidário brasileiro. Diante dos números do primeiro turno, qual o principal diagnóstico?
● **Jairo Nicolau** – Uma eleição geral envolve

ANNA ALEXANDRINO/DIVULGAÇÃO

muitas decisões. Nessa, o eleitor precisou tomar seis decisões que levaram a uma reconfiguração da Câmara, do Senado com certo alinhamento a um candidato. Um candidato que sai com a maior votação do campo da direita da nossa história recente. O PL é o vitorioso, sem dúvidas, se tornou o maior partido do Brasil. É um fenômeno expressivo.

■ **Como o senhor interpreta o peso dos ausentes no resultado do primeiro turno? Eles podem reconfigurar o cenário no segundo turno?**
● Numa eleição tão disputada, qualquer pequeno detalhe pode fazer grande diferença. Os dois candidatos estão fazendo esforços para reduzir a abstenção. E há uma mobili-

zação no segundo turno que eu não via na esquerda desde 1989. Essa é uma dimensão nova dessa campanha, com certa similaridade com 2013: muitos jovens, convocações por redes sociais e descentralização dessas convocações. Não dá para saber do impacto dessas manifestações sobre o voto, mas criam uma onda na opinião pública.

■ **No contexto deste segundo turno, o senhor acredita que os debates televisivos ainda podem atingir o eleitor indeciso?**
Independentemente do tema tratado e do desempenho dos debatedores, o debate é importante. Vamos conhecer o Flávio, ver como ele ataca, saber suas propostas, no domingo. Eu, que fui professor dele na Escola de Governo (da FGV), não o conheço. Essa vai ser a grande novidade do segundo turno: poder conhecer o Flávio Bolsonaro.

■ **Ele vinha, antes de iniciar a propaganda eleitoral, trabalhando a ideia de “o mais moderado dos Bolsonaros”, mas com interlocutores, muda essa postura. Qual sua análise?**
● Eu acho que a campanha dele foi muito moderada, se compararmos com a do pai. Foi uma campanha controlada, de estufa. Vamos vê-lo “fora da estufa” no debate.

■ **Qual é o peso estratégico dos confrontos diretos na televisão nesta fase final da campanha?**
● O debate tem essa função de convencer o eleitor de centro ou indeciso. Há uma franja que busca o debate para formar sua opinião. E esse debate é diferente: nós vamos ter um político muito conhecido e um completamente desconhecido. A performance do Flávio pode tirar votos dele ou reafirmar os votos.

■ **Como o senhor avalia a questão da migração dos outros candidatos para Flávio e para Lula?**
● O eleitor brasileiro não é cem por cento ideológico, no sentido doutrinário. A maioria das pessoas não se move por mais Estado ou menos Estado. Muitas não sabem bem o que é esquerda e direita. A Questão

1º turno já apontava um cenário de maior migração para o Flávio, mas é um eleitor instável. Precisamos lembrar que Alckmin perdeu mais de 2 milhões de votos entre o primeiro e o segundo turno, em 2006. Flávio na frente não significa que ele vai ganhar a eleição. A gente nunca teve o Flávio no debate. Vamos ver os efeitos disso. A gente nunca teve uma campanha assim com tanta ênfase para reduzir a abstenção. Vamos ver os efeitos disso. A gente nunca teve uma campanha com tantos atos de rua. Vamos ver os efeitos disso.

■ **Qual a identidade do PL?**
● O partido de direita do Brasil é o PL. Há frações antidemocráticas na direita brasileira, mas não são majoritárias. O PL não é exclusivamente um partido fascista. O PL tem uma natureza da pequena política brasileira. Tem muito dinheiro, o político tem mais visibilidade, conta com a máquina de prefeituras e governos. É uma megamáquina muito consistente, muito forte. O PL depende do Bolsonaro, mas o Bolsonaro também depende hoje do PL.

■ **E o que dizer dos eleitores da família Bolsonaro?**
● Os brasileiros que votam nos Bolsonaro não são todos antidemocráticos. Então, é preciso ter cuidado, porque colocar todo mundo no mesmo balaio é não entender o fenômeno.

■ **O bolsonarismo já se estruturou como força política duradoura no Brasil?**
● Sem dúvidas. O PL é potência, virá com candidatos fortes para as capitais em dois anos. A esquerda precisa pensar o que vai fazer na próxima eleição. Vamos fazer uma federação para derrotar o bolsonarismo? Vamos nos aliar mais às forças de centro? É preciso pensar qual é o adversário. Aqui no Rio de Janeiro, o PL foi subestimado. O RJ inventou o Bolsonaro, inventou a família, e esse movimento foi subestimado na eleição para o governo. É preciso ter responsabilidade eleitoral. O Douglas Ruas era um candidato de segunda linha e venceu as eleições.

Ser minoria tem uma solidão sem grandeza. É procurar alguém com quem pensar em voz alta, sem precisar escolher cada palavra como quem atravessa uma sala cheia de objetos frágeis. É perguntar se ainda sabemos falar com os jovens ou se apenas esperamos que repitam nossas lembranças.

O presente não facilita o encontro. Falta dinheiro, falta tempo, sobra cansaço. O medo encurta a paciência. Ainda assim, alguém acompanha um vizinho ao hospital, cuida de uma criança, reparte o almoço. São gestos insuficientes para corrigir uma sociedade desigual. Mas, para quem os recebe, fazem a diferença entre atravessar o dia e sucumbir a ele. Entristece-me não saber que país deixaremos aos que vêm depois. Algumas derrotas envelhecem conosco. Outras ainda nem conseguimos nomear. Não desejo oferecer consolo fácil a quem está cansado de esperar.

Quero conservar a disposição de ouvir uma vida até o fim, mesmo quando ela desarruma a minha. Talvez seja assim que eu consiga continuar acreditando nos dias que virão. Não espero concordância em tudo. Gostaria de ter com quem repartir o pão.

Recolho as coisas da mesa. O telefone acende outra vez. Antes de atender, afasto um pouco a cadeira ao lado.

RIO ANTECIPA AVANÇO NACIONAL DO PL E SINTETIZA FORÇA DO PARTIDO

Estudo da UFRJ mostra como bolsonarismo e bases municipais sustentam a hegemonia da sigla no estado

ANA BEATRIZ MAGNO
anabiamagno@adufrrj.org.br

O Rio de Janeiro antecipou e, em 2026, sintetizou o avanço nacional do PL: o partido ampliou substancialmente suas bancadas e Douglas Ruas alcançou votação suficiente para vencer o governo no primeiro turno, após a retotalização dos votos. Estudo do Laboratório de Partidos, Eleições e Política Comparada (Lappcom), da UFRJ, mostra que a concentração de cadeiras na sigla, agora observada no país, já se desenhava no estado desde 2002.

Naquele ano, o PL conquistou cerca de 24% das cadeiras estaduais e federais do Rio, patamar semelhante aos 23,6% que alcança na Câmara nacional em 2026. Agora, passa de 17 para 21 deputados na Alerj e de 11 para 15 federais. Ruas chegou a 50,88% dos votos válidos com a anulação dos votos de Anthony Garotinho; a proclamação definitiva pelo TRE-RJ aconteceu em 15 de outubro.

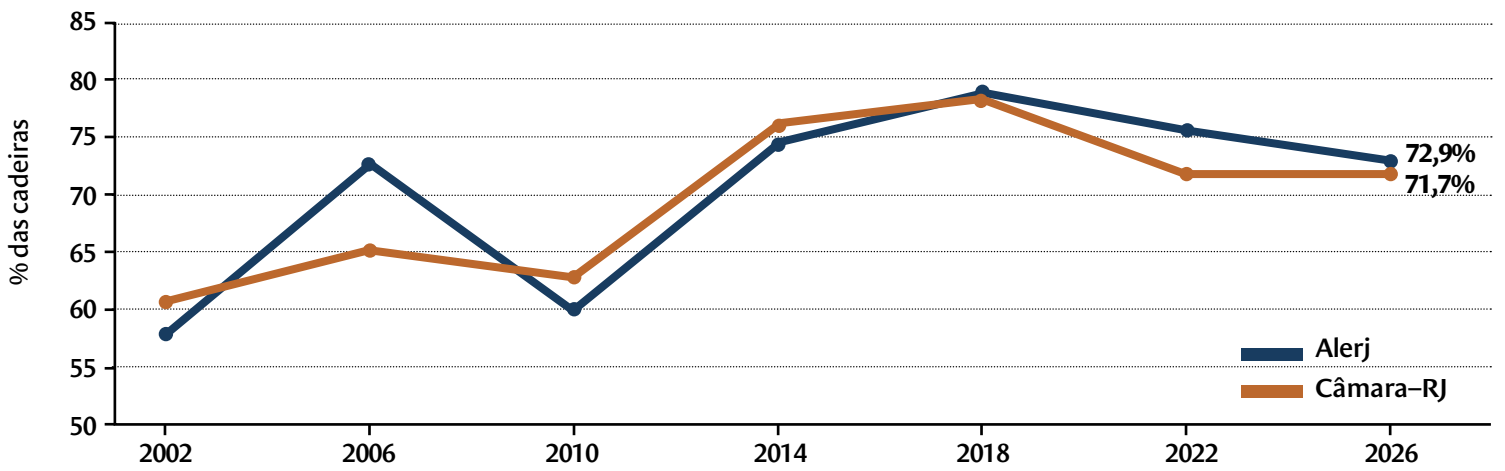
“A aposta analítica deste relatório é que a hegemonia do PL no Rio de Janeiro resulta da composição entre ideologia e controle territorial”, escreve a professora Mayra Goulart, coordenadora do laboratório, na apresentação do estudo, que assina com Raul Paiva, Paulo Fernandes Jr e Leonardo Ribeiro.

“O Rio de Janeiro acentua os movimentos nacionais do PL e do União Brasil. O estado detém 9% das cadeiras da Câmara, mas responde por 18% do ganho nacional do PL”, afirma Mayra. “A participação do PL na bancada fluminense supera em nove pontos percentuais sua participação no conjunto da Câmara”, completa.

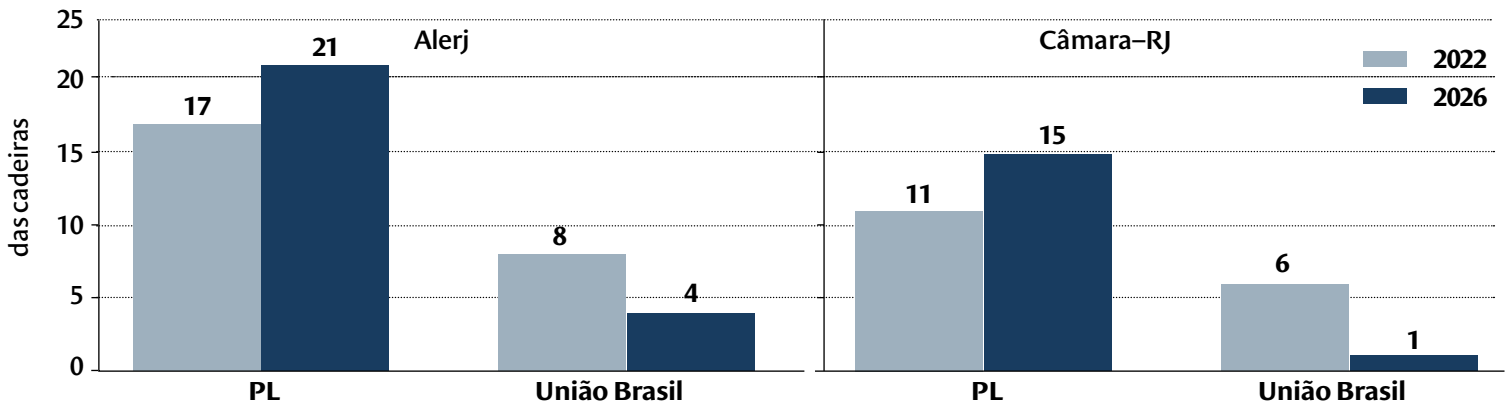
O avanço da sigla ocorre em um estado onde a direita já era majoritária. Nas sete eleições analisadas, o bloco manteve mais da metade das cadeiras nas duas casas. Em 2026, reúne 51 dos 70 deputados da Alerj (72,9%) e 33 dos 46 federais (71,7%). A esquerda cresce de 17 para 19 cadeiras estaduais e permanece com 13 federais. Partidos classificados como centro não elege representantes desde 2022.

A mudança mais expressiva está na distribuição de forças dentro da direita. O PL ganha quatro cadeiras em cada bancada, enquanto o União Brasil cai de oito para quatro na Alerj e de seis para uma na Câmara. Pela classificação do relatório, a extrema direita recua ligeiramente, mas fica mais concentrada no PL: a sigla passa a reunir

Direita mantém maioria desde 2002



PL cresce; União Brasil perde espaço



RETRATO DAS BANCADAS FLUMINENSES

Composição em 2026		
Indicador	Alerj	Câmara - RJ
Total de cadeiras	70	46
Bloco de direita	51 (72,9%)	33 (71,7%)
Bloco de esquerda	19 (27,1%)	13 (28,3%)
Centro	0	0
Mulheres	16 (22,9%)	10 (21,7%)

ORIGEM DOS QUADROS MUNICIPAIS DO PL

Trajetória de 192 prefeitos e vereadores eleitos em 2024, rastreada pelo laboratório.		
Trajetória anterior	Eleitos	%
Mandato por outra legenda em 2016 ou 2020	103	53,6
Candidatura sem êxito por outra legenda	31	16,1
Primeira candidatura	33	17,2
Base do PL/PR em 2016 ou 2020	25	13,0

Percentuais arredondados. Fonte dos gráficos e tabelas: Lappcom/UFRJ, Composição ideológica das bancadas fluminenses, 2002–2026. Dados de 2026 preliminares.

84% das cadeiras desse segmento na Alerj e cerca de 94% na bancada federal.

Para compreender essa força, os pesquisadores recuperam as trajetórias de 192 prefeitos e vereadores eleitos pelo PL em 2024. Quase 70% já haviam exercido mandato ou disputado eleições por outras legendas.

Apenas 13% integravam a base do PL ou de seu antecessor, o PR, nos pleitos municipais de 2016 ou 2020.

“O crescimento do PL resultou, portanto, da incorporação de lideranças de grupos políticos tradicionais”, registra Mayra na apresentação. Esses quadros levam à sigla

eleitorados construídos antes da filiação. A pesquisa associa essa capilaridade às prefeituras, aos grupos familiares e às emendas parlamentares destinadas aos municípios.

Um exemplo citado é Altineu Côrtes (PL), que obteve 43% dos votos em São Gonçalo, governado por seu aliado Capitão Nelson. Na Alerj, Guilherme Delaroli tem como principal base Itaboraí, administrada por seu irmão. O relatório trata a relação entre controle territorial, recursos e votos como hipótese a ser testada com dados municipais e georreferenciamento de emendas.

A representação feminina permanece reduzida: as mulheres ocupam 16 cadeiras estaduais (22,9%) e dez federais (21,7%). Na Alerj, são nove das 19 cadeiras da esquerda, ante sete das 51 da direita.

A classificação usa uma escala construída com especialistas em 2018, com ajustes do Lappcom para PL, União Brasil e PRD. Os resultados de 2026 foram compilados de listas de eleitos publicadas pela imprensa e aguardam consolidação com as bases oficiais do TSE.

ARTIGO

AINDA GUARDO UM LUGAR

PAULO BAÍA
Sociólogo, cientista político, ensaísta e professor da UFRJ

Li nas redes sociais uma frase que dizia: “A social-democracia ganhou o século XX e, no primeiro quarto do século XXI, ficou cambaleante, mas perdeu o agora, perdeu o futuro”. Larguei o telefone. Na rua, alguém varria a calçada. Um ônibus levou gente que talvez tivesse dormido pouco e ainda precisasse sorrir ao chegar. A manhã não esperava que eu entendesse o mundo.

Havia trabalho, contas, uma consulta adiada. O agora tinha seus compromissos. Pensei no que aquela promessa significou: escola para os filhos, descanso, atendimento médico, uma velhice sem a vergonha de depender da boa vontade alheia. Houve quem entregasse a vida a essas conquistas. No Brasil, chegaram pela metade, chegaram tarde, não chegaram para todos. Mesmo assim, permitiram a muita gente fazer planos à mesa.

Hoje, nessa mesma mesa, o telefone interrompe o almoço. É trabalho. Pode ser trabalho. Convém atender. O comando já não precisa levantar a voz; basta avisar que há outro disponível. Há quem prefira essa vida à antiga subordinação. Poder escolher o horário tem valor, mesmo quando a necessidade termina escolhendo quase tudo. Não escutamos direito essa contradição.

Parte da esquerda ouviu o desejo de prosperar como quem identifica um erro de formação. Mas ninguém quer apenas não passar fome. Quer levar o filho a um restaurante, conhecer o mar, comprar sem devolver alguma coisa à prateleira. Há humilhações pequenas que ocupam uma existência inteira.

Quando a conversa virou correção de consciência, muita gente se levantou. Outros ofereceram lugar, prometeram dinheiro, ordem, reconhecimento. Ofereceram também inimigos. O desamparo encontrou companhia, e nem sempre quem encontra companhia pergunta quanto ela custará depois.

Continuo um humanista cristão católico



SIAC ENTRE A PREOCUPAÇÃO COM O PAÍS E A FORÇA DA UNIVERSIDADE

KELVIN MELO
kelvin@adufjrj.org.br

A UFRJ realizou a maior Semana de Integração Acadêmica (SIAC) da história, com 7.738 trabalhos de ensino, pesquisa e extensão. A alegria com que professores e alunos ocuparam salas e corredores em todos os campi entre os dias 5 e 9 contrastou, no entanto, com o espanto e a tristeza após os duros resultados das eleições do domingo anterior, que apresentaram um indiscutível avanço da direita em todo o país. Logo na solenidade de abertura do evento, o reitor Roberto Medronho expressou sua preocupação com o momento político brasileiro e chamou atenção para a responsabilidade da universidade diante dos desafios que o país enfrenta. “Nós estamos passando por um dos momentos mais graves da história do Brasil. Vi ontem uma frase que me marcou muito: ‘A apuração começou às 17h e acabou em 1964’. Não pode. Nós ainda temos uma chance e não podemos desperdiçá-la”.

Mas por que chegamos a esse ponto e o que podemos fazer? Para tentar responder a essas perguntas, o Jornal da ADUFRJ esteve em salas onde o mundo da política e a SIAC se encontraram: conferiu trabalhos que mostram a transformação da direita no país, a origem do bolsonarismo, as disputas na Câmara, o caso do estado do Rio de Janeiro, o comportamento eleitoral dos idosos e muito mais.

Veja a seguir:



BOLSONARISMO JÁ TRANSCENDEU A FIGURA DO EX-PRESIDENTE
Para entender a origem do bolsonarismo, a estudante Camila Costa Pinheiro (foto) voltou 13 anos na história do país. Primeiro, as jornadas de junho de 2013 demonstraram a insatisfação da sociedade com a classe política tradicional e as instituições. Em seguida, a crise econômica, o impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT) e o lajativismo, que levou à prisão de Lula, em abril de 2018. Pronto. Estava aberto o campo para a ascensão da extrema direita. “O caos institucional abre espaço para essas lideranças carismáticas com discurso antissistêmico”, afirmou a aluna do IFCS, em

sua apresentação, no segundo dia da SIAC. Trabalhando conceitos do escritor e filósofo Rodrigo Nunes, a estudante explicou como Jair Bolsonaro conseguiu angariar tanto apoio na população. “A política, segundo ele, não se organiza somente por posição ideológica, racional e consciente, mas também por relações afetivas. As pessoas vão se reconhecendo umas nas outras”, disse Camila. “O Bolsonaro é a figura que vai articular isso”.

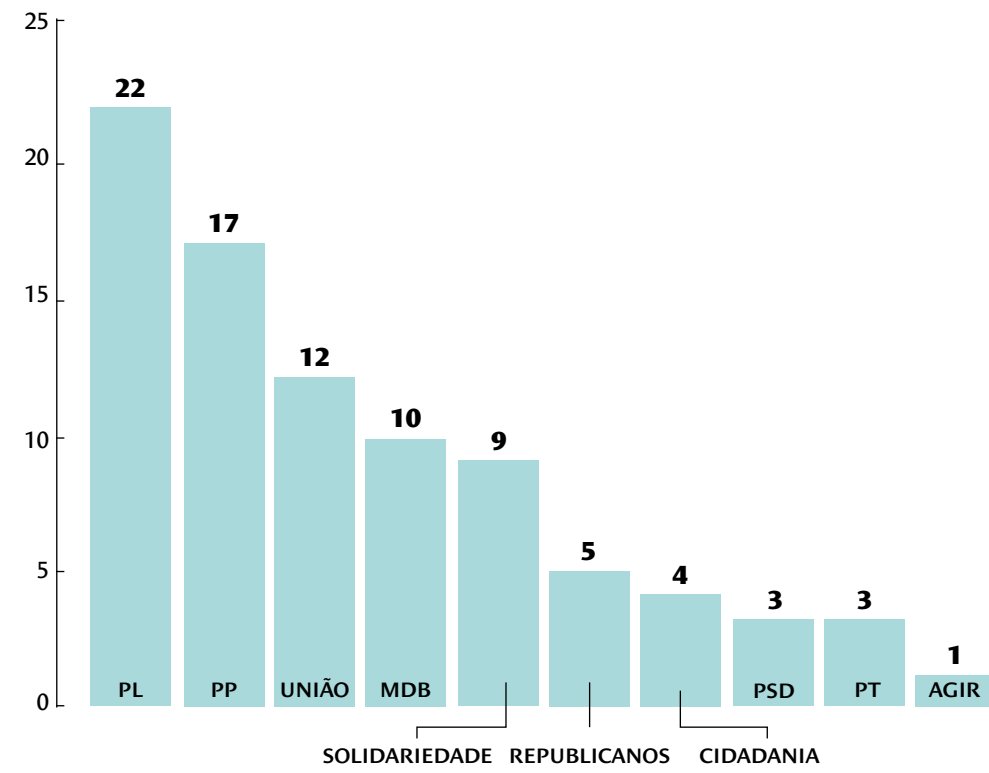
No entanto, para Camila, o fenômeno bolsonarista, alimentado pela lógica do “nós contra eles” e impulsionado pelos algoritmos das redes sociais, já transcendeu a figura do pai. “A gente vê como está o cenário”, disse, em referência à onda da direita que tomou o Legislativo e à votação que colocou o filho, Flávio, à frente na disputa presidencial, nas eleições do dia 4.

Camila foi orientada pelo professor Pedro Lima, do Departamento de Ciência Política do IFCS, que falou sobre os desafios do projeto. “É um tema muito quente, é o tema do momento. Tem um lado bom, porque estimula os alunos. Você está trabalhando com algo que envolve as nossas relações mais afetivas”, disse. “Por outro lado, você está trabalhando com um objeto que ainda está se transformando enquanto a gente fala”, completou.

“É um desafio para a democracia brasileira. Nós, da universidade, precisamos enfrentar essa ameaça. Cabe a nós estudarmos de onde ela vem, como ela se comporta, para salvaguardar nossa democracia”, concluiu Pedro.

PL LIDERA PREFEITURAS NO ESTADO

TOP 10 PARTIDOS COM MAIS PREFEITURAS



DIREITA FIXOU RAÍZES EM TODO O ESTADO DO RIO
Ao fim da apuração para o governo do Rio, muitos se surpreenderam que o pouco conhecido Douglas Ruas (PL) tivesse ficado à frente de Eduardo Paes (PSD) – nome nacional, eleito quatro vezes para a prefeitura da segunda maior cidade do país. Apresentado no segundo dia da SIAC, o trabalho de pesquisa dos estudantes Paulo Fernandes Jr e Raul Paiva, vinculados ao Laboratório de Partidos, Eleições e Política Comparada (Lappcom), não tinha esse objetivo, mas ajuda a explicar o resultado.

Observando redes de conexões políticas — com uma modelagem matemática



que contou com a ajuda da Coppe – e a distribuição de emendas pelos territórios, os alunos demonstraram a força da coligação partidária que levou o ex-governador Cláudio Castro ao poder. Em 2022, o PL foi o partido que mais elegeu deputados federais (11) e estaduais (17) no Rio, contra 5 e 7 do PT, respectivamente. Em 2024, o PL também liderou a eleição de prefeitos no estado do Rio (22) contra apenas 3 do PT, que ficou em nono lugar. No mesmo ano, o PL ainda ficou na primeira posição da eleição de vereadores em todo o estado (170). Já o PT não figurou nem entre os dez primeiros.

“Os partidos PL, PP, União, MDB e Solidariedade, que formaram a coligação do ex-governador Cláudio Castro, concentram 79% das prefeituras do Rio”, disse Paulo. “Isso aponta para uma grande capacidade de articulação política e transferência de votos”.

“Isso se refletiu em parte nas eleições de agora. A articulação do Douglas Ruas era muito mais fácil, porque ele tinha candidatos expressivos em várias partes do estado, enquanto a esquerda tinha sobreposição de candidatos na capital”, completou Raul.

Orientadora do trabalho e diretora do IFCS, a professora Mayra Goulart destacou que temas como estudos de geografia eleitoral são tradicionais da ciência política. “Aqui é um pouco mais inovador, porque estamos tentando desenvolver nossos próprios algoritmos. É muito importante se debruçar sobre o estado do Rio, que é muito pouco pesquisado”, disse.



DEPUTADAS DE PT E PL DISPUTAM QUESTÕES DE GÊNERO NA CÂMARA
As mulheres formam 52,5% do eleitorado brasileiro, mas permanecem subrepresentadas nos cargos eletivos. Entre 182 países, o Brasil ocupa a 139ª posição em representação parlamentar feminina. Isso não quer dizer, no entanto, que simplesmente eleger mais mulheres será positivo para elas.

É o que prova o trabalho apresentado pela estudante Julia Pereira (foto acima), de Ciências Sociais, que comparou a produção legislativa dos partidos com as maiores bancadas federais femininas da atual legislatura: PT (18 deputadas) e PL (17).

Julia analisou os todos os projetos de lei protocolados pelas deputadas do PT (128) e das parlamentares do PL (65), no ano passado. “Cem por cento dos projetos das deputadas do PT visavam ampliar os direitos das mulheres e, em contrapartida, sete das propostas das deputadas do PL mobilizavam uma concepção de gênero associada à divisão sexual do trabalho ou propunham

alterações que tensionam marcos normativos construídos no âmbito da política de proteção às mulheres”, disse.

O trabalho confirma pesquisas já realizadas pela aluna em 2023 e 2024 com o mesmo tema e os mesmos partidos. “Os resultados de 2025 acabam por reafirmar a existência dessa disputa político-ideológica na bancada feminina”, observou a estudante também vinculada ao Laboratório de Partidos, Eleições e Política Comparada (Lappcom), sob orientação da professora Mayra Goulart.

“O trabalho faz parte do ‘Mulheres Eleitas’, um dos projetos mais antigos e consolidados do Lappcom, que, desde 2019, analisa desempenho, trajetórias políticas, performances e atuação de mulheres eleitas para o Legislativo federal, estadual ou municipal”, disse Mayra.



PROJETO DO IRID: Maria Eduarda, o professor Diogo Monteiro e Sarah

OS IMPACTOS DO “TIO DO ZAP” E DA EVANGELIZAÇÃO NAS ELEIÇÕES
Intrigada com o envolvimento de pessoas mais idosas em atos extremistas, nos últimos anos, incluindo a tentativa de golpe de 8 de janeiro de 2023, a estudante Sarah Fernandes, do Instituto de Relações Internacionais e Defesa (IRID), decidiu investigar o comportamento eleitoral das pessoas com mais de 70 anos.

Em 2018, 4,4 milhões de pessoas com mais de 70 anos votaram no primeiro turno das eleições e 4,6 milhões no segundo turno; em 2022, 6,1 milhões foram às urnas no primeiro turno e 6,7 milhões no segundo turno. A abstenção do grupo também caiu. O crescimento da participação teria relação com mensagens direcionadas ao grupo por WhatsApp, o famoso “tio do zap”?

“Eles já não têm obrigatoriedade de votar, mas estão se engajando. Por quê? Na minha cabeça, era um movimento coordenado. Mas, por falta de dados confiáveis, minha pesquisa não confirmou isso”, disse Sarah, que chegou a procurar os partidos e entrou em canais de WhatsApp da direita. “O estereótipo do ‘tio do Zap’ configura uma ferramenta discursiva etarista, que visa deslegitimar o posicionamento político da terceira idade”, argumenta a aluna.

Uma pesquisa do Senado mostrou ainda que, na média, as pessoas com mais de 60 anos (não havia dados para o grupo com mais de 70 anos) utilizam menos o WhatsApp que a população em geral. “O que encontrei foi que o eleitorado está ficando mais velho, porque a população está envelhecendo, e eleitores idosos não estão se abstendo como antes”.

Já a pesquisa da aluna Maria Eduarda

Felix, também do IRID, abordou a conexão entre o mundo evangélico nos Estados Unidos e a transformação do mundo evangélico no Brasil, que dá apoio ideológico para a retomada da direita. “É inegável o poder do neopentecostalismo nas redes sociais. Mas, quando a gente estuda a fundo, é um ecossistema que vem do tele-evangelismo dos anos 90. E, antes disso, veio dos EUA”.

Nos anos 60, o movimento neopentecostal norte-americano começou a pregar que, pela fé, os fiéis poderiam alcançar a prosperidade material. A ideia se espalhou rapidamente, pelas emissoras de rádio, chegou à televisão e virou ferramenta de disputa geopolítica do próprio governo, durante a Guerra Fria. “Há documentos da assessoria do governo Reagan sobre isso. Ou seja, o ecossistema que polarizou o Brasil em 2018 não nasceu no Facebook. Foi construído ao longo de quase três décadas, em rádio e TV, e contou com o incentivo geopolítico de uma potência estrangeira”, afirmou Maria Eduarda.

Os trabalhos das duas alunas foram orientados pelo professor Diogo Monteiro, do Instituto de Relações Internacionais e Defesa (IRID), e fazem parte do projeto “Impasses da Democracia Liberal”. “O projeto se organiza em três etapas: temos um núcleo falando sobre democracia propriamente, sobre como o mundo contemporâneo está formado por uma esfera pública bastante fragmentada; uma segunda parte é sobre tecnologia, quando a gente fala de rede, de algoritmo; e na terceira parte, a gente fala de lideranças de caráter carismático e populismo contemporâneo”.

A ideia do projeto é contribuir para o entendimento da complexa situação política do país. “Hoje, no Brasil, uma parte da população brasileira está absolutamente perplexa com o que aconteceu nas eleições. E isso não tem relação com perder ou ganhar. O PT perdeu eleições antigamente e a gente sabia exatamente o por quê. Temos que nos mobilizar para investigar isso”.



TALÍRIA PETRONE VIRA VERBETE EM DICIONÁRIO DE RESISTÊNCIA
Política também é resistência. E resistência contada em livro. Doutoranda da Faculdade de Educação, Roseli Andrade (foto) apresentou aos participantes da SIAC “Um Rio de resistências: dicionário biográfico – Rio de Janeiro”, lançado este ano pela Editora Aruanda. A obra, resultado de um curso de extensão da UFRJ, PUC-GO e da Festa Literária das Periferias (FLUP), busca dar visibilidade à trajetória de mulheres negras. No curso realizado em 2024, Roseli pro-

duziu o verbete sobre a deputada federal Talíria Petrone (PT) – que acaba de se reeleger para a Câmara, com 122.500 votos. “Nosso maior objetivo é que a vida dessas mulheres se torne teoria. A gente está sempre teorizando sobre as pessoas de fora, europeias. E as nossas? A Talíria luta muito pela questão da visibilidade da mulher na política”, disse Roseli. “Este ano, tivemos uma campanha forte para ‘mulherizar’ o Congresso, majoritariamente masculino, mas não tivemos sucesso”.

Orientadora do trabalho, a professora Maria Edimaci Leite, da rede pública de Goiânia, valorizou a iniciativa, “que permite conhecer as histórias escondidas na memória, nos arquivos, invisibilizadas nas narrativas oficiais, mas que resistem por meio dos saberes, do corpo, da fé, da luta e da palavra”.

Entre as cem mulheres homenageadas no livro, não há apenas políticas, mas a publicação também apresenta minibiografias de Benedita da Silva (PT), Dani Balbi (PCdoB), Jurema Batista (PT), Marielle Franco (PSOL) – assassinada em 2018 – e Renata Souza (PSOL).



PESQUISA DO IFCS: Sofia, o professor Jorge Chaloub e Maria Fernanda

A DIREITA PERDEU A VERGONHA
As transformações da direita brasileira desde a redemocratização são o objeto de pesquisa das estudantes Maria Fernanda da Silva Fontes e Sofia Bittencourt Rodrigues, que trabalharam com diversos autores. “A gente faz esse trajeto de como a direita mundial, principalmente a direita norte-americana, influencia hoje em dia a direita no Brasil”, afirmou Maria Fernanda.

Durante a apresentação na SIAC, um exemplo das estudantes chamou a atenção pela diferença com os dias atuais. “Após o fim da ditadura, a direita era associada à opressão, à injustiça. Eram poucas as pessoas que tinham coragem de levantar a bandeira da direita publicamente”, contou Sofia. “Em uma pesquisa da Folha de S. Paulo com o Congresso da época, apenas 6% dos parlamentares se autodenominavam de direita. Não existia direita? Claro que sim. Mas eles só estavam escondidos, envergonhados”.

As duas fazem parte de um grupo coordenado pelo professor Jorge Chaloub, do IFCS. “As vezes, na iniciação científica, fazemos uma pesquisa mais recortada, para entregar um artigo. Outras vezes, como foi o caso, é importante trabalhar uma dimensão formativa da pesquisa, que é importante para elas adensarem o conhecimento em relação a metodologias, em relação a debates. Até para pensarem depois, em pesquisas mais aprofundadas em uma possível trajetória na pós-graduação”, disse.



PROFESSORES DE ESPERANÇA

A eleição mais importante de nossas vidas coloca dois Brasis em jogo: O que exclui e o que inclui. O que censura e o que liberta. O das armas e o dos livros. O que manipula e o que ensina a pensar. O que mata e o que faz esperar.

Com a certeza de que essa é a única e fundamental escolha a ser feita no dia 25, a Adufrj conclama o voto em Lula e participa dos atos da campanha pela reeleição do presidente.

Participe, nas ruas e nas redes. Juntos, precisamos fazer o amor vencer o ódio!